

Dia 14 | Sexta-Feira – 21h00 (Igreja Paroquia de S. Pedro - Pero Pinheiro)

SOLISTAS DA ORQUESTRA PROMENADE

“Telemann, Vivadi, Haendel e Bach – Os Génios do Barroco”

SINOPSE

Um programa dedicado aos quatro compositores mais geniais do Período Barroco - Telemann, Haendel, Bach e Vivaldi.

Telemann foi o compositor que popularizou uma suíte orquestral francesa na Alemanha inspirando-se nas obras de Jean-Baptiste Lully, a quem admirava.

Não há organização padrão para essas peças em multiandamentos, excepto que se iniciam com uma abertura típica no estilo francês: uma seção lenta grave dominada por ritmos pontuados seguidos por um Allegro fugal que leva ao retorno à seção mais lenta de abertura. Segue-se uma seleção de movimentos de dança, cujo critério único reside nos arranjos contrastantes. Telemann também aperfeiçoou a moda francesa de títulos programáticos às Suítes. Essa apresenta seis andamentos programáticos (após a abertura francesa) baseada no "Cavaleiro da Triste Figura" e seu criado Sancho Pança.

Haendel começou a incorporar concertos como um recurso de intervalo em seus oratórios ingleses em 1735. Seus concertos de órgão solo apresentando o compositor como solista foram os primeiros de seu tipo, mas o concerto grosso, um concerto com mais de um solista, era bem conhecido do obras do violinista italiano Corelli. Doze Grand Concertos foram escritos em cinco semanas no final de setembro e outubro de 1739, após o sucesso de uma série de seis, Opus 3, publicada no ano anterior. O grupo solo é composto por dois violinos e violoncelo, com o cravo e o teorba fornecendo as harmonias do baixo contínuo. Haendel explora a clareza, rapidez e tonalidade homogênea das seções das cordas. Ao contrário dos riffs virtuosos de concertos solo, essas obras apresentam uma interação constante de texturas entre o grupo concertino solo e o tutti orquestral, desde as harmonias homofônicas animadas do primeiro Allegro, à transparência de uma sonata trio no Adagio, e imitação fugal no penúltimo Allegro.

O género do concerto para violoncelo nasceu na Itália do século XVII graças ao compositor veneziano António Vivaldi que deixou um legado de magníficos concertos para violino, mas também alguns concertos para violoncelo cujo desenvolvimento da bibliografia para este instrumento muito lhe deve. Apenas um concerto para dois violoncelos, o Concerto em Sol menor. Nesta obra o compositor emprega os dois instrumentos solo em imitação próxima um do outro desde o primeiro momento, uma prática continuada no Largo em Sol menor, acompanhado por baixo contínuo. No Allegro final, após a abertura do tutti e a primeira entrada para violoncelo, há uma passagem fugitiva introduzida pelo segundo violoncelo, seguida pela primeira, após a qual o diálogo é retomado entre os dois, aqui e em entradas posteriores.

O Concerto de Brandeburguês Nr. 3 é uma obra em três andamentos, apresentada pela primeira vez em 1721. O primeiro andamento (sem marcação de tempo explícita, mas

geralmente tocado como allegro) também pode ser encontrado em forma reformulada como a sinfonia da cantata Ich liebe den Höchsten von ganzem Gemüte, BWV 174. O segundo andamento consiste em um único compasso com os dois acordes que formam uma 'meia cadência frígio' e, embora não haja nenhuma evidência direta para apoiá-lo, era provável que esses acordes se destinassem a delimitar ou seguir uma cadência improvisada por um cravo ou violinista. As abordagens modernas de performance vão desde simplesmente tocar a cadência com ornamentação mínima (tratando-a como uma espécie de "ponto-e-vírgula musical"), para inserir andamentos de outras obras, para cadências variando em duração de menos de um minuto a mais de dois minutos.

PROGRAMA

Georg Philipp Telemann, Abertura-Suite "Burlesque de Quixotte," TWV 55:G10

- I. Ouverture
- II. Le reveille de Quixotte.
- III. Son attaque des Moulens a Vent
- IV. Les soupirs amoureux apres la Princesse Dulcinèe
- V. Sanche Panche Berné
- VI. Le Galop de Rosinante alternat. avec sequent.
- VII. La Couché de Quixotte

George Frideric Handel, Concerto Grosso em Sol Maior, Op.6 n.1, HWV 319

- I. A tempo giusto
- II. Allegro
- III. Adagio
- IV. Allegro
- V. Allegro

Antonio Vivaldi, Concerto em Sol menor para 2 Violoncelos, RV 531

- I. Allegro
- II. Largo
- III. Allegro

Solistas

Fernando Costa

João Valpaços

J. S. Bach, Brandenburg Concerto No. 3 em Sol Maior, BWV 1048

- I. Allegro moderato
- II. Adagio
- III. Allegro

Ensemble Barroco da Orquestra Promenade

Violinos

David Ascensao
Jorge Vinhas
Tânia Gato
Catarina Bastos
Ana Damil
João Andrade
Carla Santos
Zofia Pajak

Violas d'Arco

Sandra Raposo
Katia Santandreu
Isabel Silva

Violoncelos

Fernando Costa
João Valpaços
Ângela Carneiro

Contrabaixo
Miguel Menezes

Cravo
Joana Bagulho

Tiorba
Helena Raposo

BIOGRAFIAS

ORQUESTRA PROMENADE

Quando uma orquestra é constituída pelos melhores músicos das principais orquestras nacionais e premiados de concursos internacionais, a energia criada e a sonoridade resultante deste colectivo só pode ser da mais elevada qualidade musical.

Com mais de uma década de existência, a Orquestra Promenade tem actuado por todo o país, numa grande diversidade de contextos artísticos e técnicos, produzindo programas e espectáculos únicos e inovadores que se distinguem, no contexto musical português, pela sua originalidade e criatividade. Esse processo artístico tem levado a que não só participe na valorização e promoção do património monumental, histórico e paisagístico, como tem alargado a sua intervenção artística a géneros musicais mais populares, como o jazz, a MPP e mesmo o “pop”.

Essa postura conceptual, de não se querer restringir a uma época ou estilo musical em particular, faz com que no seu repertório se incluam obras do barroco até às vanguardas do presente, onde se incluem recém-descobertos compositores que rapidamente se tornaram fenómenos de escala mundial.

Deste rol constam, entre outros, solistas convidados tais como: Mário Laginha, Maria João, Luís Represas, Marisa Liz, Paulo de Carvalho, Sónia Tavares, Helder Moutinho, António Rosado, Otto Pereira, Kyril Zlotnikov, Sofia Escobar, Carlos Cardoso, Henk van Twillert, Vasco Dantas Rocha, Sofia Escobar, Carlão, Gisela João, dirigidos pelos maestros: José Eduardo Gomes, Rui Pinheiro, Joshua dos Santos, Pedro Neves e Élio Leal. Do cruzamento de uma nova geração de jovens virtuosos com a experiência de músicos com grande maturidade musical, resulta uma formação que embora sendo heterogénea, vive e compartilha as mesmas opiniões artísticas, sobrepondo o conjunto aos individualismos egocêntricos, para disfrutar aquilo que verdadeiramente importa – a Música.

O nosso “manifesto” pretende a cima de tudo valorizar o desempenho artístico, face à artificialidade e ao consumismo imediatista que hoje se manifesta em todos os sectores da nossa sociedade e que, naturalmente, também atinge a música clássica, muitas vezes transformada num mero exercício da técnica, em que os músicos dos nossos dias desempenham o papel do castrati Farinelli (Carlo Broschi, 1705-1782) que no auge do barroco, tornou mais importante o desempenho vocal que a composição e a sensibilidade musical.

É com base num elevado padrão artístico e criativo que a Orquestra Promenade afirma-se como a verdadeira Orquestra do Século XXI.

Biografia dos Solistas

Fernando Costa

Fernando Costa tem-se afirmado nos últimos anos como um valor seguro da nova geração de intérpretes em Portugal. As suas performances são marcadas por uma forte presença em palco, combinando um estilo dinâmico e impulsivo com a sua expressividade e sensibilidade musicais.

Violoncelista português nascido em 1991, iniciou os estudos de violoncelo com Valter Mateus e em 2013 terminou a Licenciatura, com classificação máxima, na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo no Porto, na classe de violoncelo de Jed Barahal.

Concluiu, em 2015, o Mestrado em Performance Musical sob a orientação do prestigiado violoncelista António Meneses, na Hochschule der Künste Bern, na Suíça. Teve a oportunidade de actuar como solista acompanhado pela Orquestra Gulbenkian, Orquestra do Norte, Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, Orquestra Sinfonieta da ESMAE, entre outras. Apresenta-se tanto a solo como em música de câmara, tendo actualmente uma regular actividade musical em Portugal e no estrangeiro. Entre os seus recentes projectos, destacam-se as digressões pelos Estados Unidos, China e a participação em festivais em Portugal, Suíça, Alemanha, França e Azerbaijão.

Foi bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian entre 2013 e 2015 e actualmente é representado pela KNS Artists. Em 2015, foi editado o seu 1o álbum – *Après un rêve* – (KNS Classical) e, em 2018, o álbum – *Revelação* – pela editora alemã Decurio.

João Valpaços

João Valpaços nasceu em Carrazedo de Montenegro, Chaves em 1994 e começou os seus estudos musicais no ano de 2006 na Escola Profissional de Arte de Mirandela na classe de violoncelo do Prof. David Cruz e mais tarde na classe do Prof. Ricardo Ferreira onde concluiu o curso com a nota máxima na prova final de instrumento. Em 2012 foi admitido na Hoogschool voor de Kunsten Utrecht na classe do Prof. Ran Varon.

Foi membro e primeiro violoncelista em varias orquestra de jovens em Portugal e nos Países Baixos e atua frequentemente com a Orquestra XXI e a Orquestra Gulbenkian trabalhando com vários maestros como Lorenzo Viotti, Hannu Lintu, David Afkham, Lev Markiz, Muhi Tang, Lawrence Foster, Karl-Heinz Steffen.

Durante a carreira a solo obteve em 2011 uma Menção Honrosa no 13º Concurso Santa Cecília" no Porto, em 2013 o 1o prémio na terceira categoria do "Britten Cello Concours" em Zwolle, Holanda e em 2014 o 2º prémio na categoria A do "16 Concurso Internacional Santa Cecília" no Porto. Apresentou-se a solo com orquestra na Holanda interpretando obras de Haydn, Concerto em Dó maior e Tchaikovsky, Variações Rococo. Teve a oportunidade de participar em Masterclasses com Gary Hoffman, Amit Peled, Tsuyoshi Tsutsumi, Marc Coppey, Matt Haimovitz, Lluís Claret, Claudio Bohórquez, Gavriel Lipkind, Maria de Macedo entre outros.

Em 2019 finalizou o Mestrado em Performance na classe dos Professores Jeroen den Herder e Dmitry Ferschtman sendo bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian.